ANO 3.º LISBOA--SABADO, 23 DE JUNHO DE 1923 N.º 679

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3134 e 3198-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 43

O POVO

Nunca houve tanta gente industriosa, perita na arte de criar ilusões e mentiras, a fim de com elas transtornar a cabeça deste conhecido soberano — o povo.

A democracia é hoje, sobretudo, um processo retorico de captar inocencias e lográ-las.

As virtudes solidas e honestas que nobilitam os cidadãos trazem-nas os intrujões ao pescoço como os chocalhos.

Trabalhar é uma obrigação de todos nós.

Como nem todos se acham felizes, ganhando o pão com o suor do seu rosto, a liberdade, que devia ser para cada um de nós uma conquista do nosso esforço e uma afirmação do nosso caracter, presta-se a servir de *chaperon* a muitos individuos que vão pela vida fóra sem a compostura necessaria, para que deles se diga:

«—Aqui está um homem que cumpre o seu dever!»

Os *arrivistas* não se preocupam com o exito moral das suas façanhas.

Contanto que triunfem, pouco se lhes dando que os meios empregados sejam deshonestos.

Que lhes importa que ao povo só se haja de falar a verdade, nunca se abusando da sua força desordenada ou da sua ignorancia cega?

As soberanias que não derivam duma inteligencia clara, apoiada num braço robusto, correm sempre o risco de não serem tomadas a serio.

Os antigos reis eram vitimas da lisonja, que os enleava numa rede de sortilegios em que eles perdiam até a noção da magestade do seu poder.

Actualmente, o caso é mais grave, porque o povo, sendo a origem da autoridade, o detentor nominal da omnipotencia politica, vê-se cortejado por numerosa tribu de *cavalheiros* que ambicionam viver, sem penosas fadigas corporais.

Prometem-lhe tudo, mas nada lhe dão.

Uns pregam-lhe a ordem, para o convencerem de que, fóra dela, não há salvação.

Outros aconselham-lhe a rebeldia, como se fosse o caminho do seu resgate.

Ele que não sabe distinguir o valor de tão altos conceitos, embebeda-se com palavras até que estas, perturbando-lhe o juizo, o tornam submisso ás ambições dos que o ludibriam.

A FUSÃO DOS MONOPOLIOS

«Na negociação do acôrdo previsto na presente lei e para melhor garantia dos interesses do Estado, o governo procurará adaptá-lo, tanto quanto possivel, a um regime-ouro de execução imediata ou futura, mas sem qualquer forma de compromisso do Estado para além do termo da vigente concessão do exclusivo».

(Proposta do ministro das Finanças).

Podem unir-se... mas eu tenho os movimentos livres...

PROMETE ser notavel o espectaculo de hoje, no Coliseu. Ha um grande entusiasmo no publico, desejoso de ouvir a «Filarmonia». Francisco de Lacerda deve alcançar um verdadeiro triunfo.

Publicamos a seguir uma carta em que o sr. dr. Melo Breyner, alto temperamento de artista, nos fala da bela atitude que o Senado municipal teve para com o director da «Filarmonia»,

Sr. director—Li a entrevista que o *Diario de Lisboa* teve no dia 18 com o meu querido maestro Francisco de Lacerda sobre a «Filarmonia de Lisboa» e, por ter estado doente, só hoje venho fazer um pedido a v.

Gostaria muito que por intermedio do seu muito apreciado jornal se soubesse que o voto de congratulação por mim proposto em reunião do Senado municipal pelo triumfo da «Filarmonia de Lisboa», voto que tóda a Camara aprovou, foi secundado com louvor pelo meu colega na vereação e amigo pessoal o sr. Alexandre Ferreira, cuja actividade inteligente nunca deixa de se manifestar, quando se trata de animar os artistas ou fomentar a instrução.—De v., etc. — *Thomaz de Mello Breyner.*

* * *

A POLICIA parisiense anda tratando de apurar quem são os responsaveis ou autores duma serie de falsificações de quadros, estatuas, baixos relevos e moveis, que, nos Estados Unidos, encontraram mercado facil e rendoso.

O culto do antigo favorece estas mistificações.

Quando um novo rico se resolve a adquirir obras primas, é natural e justo que seja enganado.

Que pretende ele? Viver num *interior* que abone o seu gosto.

Como este não existe, os mestres, os autenticos, os inconfundiveis, cedem o seu logar aos que não possuem outro talento senão o de pilhar o alheio.

* * *

NUMA bela edição da *Seara Nova*, vai ser posto á venda um livro de Garcia Pulido — *Fogo Sagrado.*

Este poeta que não tem escolas, mas que por isso mesmo é duma absoluta sinceridade, não canta a vida como o caminheiro que palmilha as estradas em paz consigo e com a primavera.

Garcia Pulido agita na sua sensibilidade, um pequeno drama—o dos insatisfeitos. Na sua voz, ha de vez em quando notas de tão verdadeira amargura que as lagrimas não são bastantes para a traduzir.

* * *

O SR. dr. Julio Dantas vai de companhia, no *Almanzora*, para o Rio de Janeiro, com o dramaturgo Dario Nicodemi, tão apreciado entre nós. Quanto o autor da *Ceia dos Cardeais*, é palido, fragil e pausado no falar tanto o autor da *Maestrina* é moreno, robusto e rumoroso. Tudo nos leva a crêr que, sendo tão diferentes, fiquem amigos, pois, algumas vezes, a amizade nasce de diferenças e contrastes. Não falamos do sentimento latino que nos dois deve ser igual.

* * *

E' NA proxima segunda feira posto á venda o novo livro de Virginia Vitorino —*Apaixonadamente*, destinado a um grande exito, porque nele se afirma, com extraordinario relevo, o fulgor da sua inspiração.

A PROPOSITO dum eco que ha dias publicamos e dizia respeito a instancias feitas junto do Congresso da Republica para que fosse aprovado um projecto de lei que interessa aos professores das escolas industriais e comerciais, escreveu-nos o sr. dr. Carvalho e Santos, afirmando não ter tomado parte nessas diligencias. E' apenas certo que foi encarregado pelos seus colegas de organizar o projecto, mas recusou fazer parte da comissão que junto do Parlamento devia tratar da sua discussão e aprovação.

* * *

NO Parque Eduardo VII onde se está trabalhando activamente para a instalação da Feira de Beneficencia, da iniciativa do ilustre chefe do distrito, major sr. Viristo Lobo, realisa-se esta noite um grande baile popular, A entrada no recinto custa um escudo. Para senhoras é gratis. O produto é destinado a socorrer os indigentes, o que torna a ideia altamente simpatica e digna de auxilio. Recomendamos o baile campestre aos que não desistem nunca de honrar as tradições da vespera de S. João.

* * *

NO proximo mês, celebrar-se-ha em França o tricentenario do nascimento de Pascal. O autor de *Pensées* entregou-se nos ultimos anos da sua vida, ao estudo minucioso da sua consciencia, vivendo em religioso silencio o drama da Duvida contra a Fé. Esta impoz-se, rompendo todos os entraves. Deus apareceu aos olhos de Pascal como a unica verdade. Morreu tão crente, que, tão iluminado que quasi não sentiu a queda do seu corpo.

* * *

ALIPIO Rama é autor dum livro de versos *Estatuas de Espuma* que ninguem se atreverá a considerar um vulgar amontoado de sensaborias, visto que a alma do poeta denuncia uma tal necessidade de pairar acima dos logares comuns da emoção que, de vez em quando, nos revela, numa simples imagem ou numa nesga de paisagem, o mundo perfeito a que aspira e onde algumas vezes consegue situar-se.

* * *

FOI hoje posto á venda o n.º 25 dos «Fantoches», o interessante pampleto que Rocha Martins redige com muito brilho. O sumario é o seguinte:

«O agachador».—«O emprestimo e seus resultados futuros».—«Os excessos da Duqueza».—«O Presidente do Partido Democratico».—«Os culpados da morte de Granjo».

* * *

CHAMAMOS a atenção dos leitores para o excerpto do livro inedito *Paço do Milhafre*, que publicamos na terceira pagina. E' seu autor Victorino Nemesio, escritor de qualidades apreciabilissimas, e vai ser editado em Coimbra pela Imprensa da Universidade.

* * *

ESTÁ publicado um folheto intitulado a *Mãe de Antero*, da Edições-Lusitania, e que fala da ascendencia do grande poeta das *Odes*. A autoria pertence ao sr. Severo Portela.

* * *

PARTE brevemente para o estrangeiro o heroico aviador Sacadura Cabral.

Pelo «sport»

JUNTO DAS REDES

A «final» do Campeonato

Realisa-se ámanhã, em Faro, no campo do Sporting Club Farense, a «final» do Campeonato de Portugal, entre o Sporting Club de Portugal e a Associação Academica de Coimbra.

Ao que nos consta, estão preparadas grandes festas em honra dos dois grupos finalistas.

Um livro

A Secção Editorial de «O Seculo» publicou um livro sobre «foot-ball», da autoria do nosso colega Dias Costa.

Diz o livro, da origem e historia do jogo, suas regras e principais elementos de tecnica. E facil é imaginar com quantas dificuldades o autor teve de lutar para conseguir condensar em trinta escassas paginas, o que mal coberia num compacto volume de quinhentas folhas.

Dias Costa triunfou brilhantemente duma tão grande dificuldade, tornando o volume precioso aos que «dedicando-se ao foot-ball com os excesivos entusiasmos da mocidade, o pratiquem fora da direcção de bons mestres, sem os proveitosos conselhos de verdadeiros sportsmen, entendidos na materia, convencendo-se de que, para ser bom foot-baller basta dar pontapés».

Transcrevemos, do capitulo ultimo, o trecho que segue:

—«Um bom jogador de «foot-ball» tem de possuir qualidadès fisicas especiais, absolutamente necessarias á pratica do jogo e que só são compativeis com um corpo desenvolvido e bem equilibrado.

«Sendo o «foot-ball» um jogo violento, que requere rapidez e energia, todos os jogadores se devem trei r em exercicios de agilidade, e cuidar especialmente do folego.

«O jogador de «foot-ball» tem de correr em velocidade, e tratar, com persistencia, de obter uma partida instantanea, e uma paragem brusca.

«A qualquer dos jogadores, mas em especial aos «meias-defezas», estão indicadas as corridas de resistencia, nas quais, no entanto, se não devem esforçar muito.

«Para adquirir um bom «shoot» e resistencia nos musculos das pernas, deve o jogador de «foot-ball», fazer exercicios de firmeza numa das pernas, com flexões, saltos á corda, etc. Nos seus treinos, procure sempre dar maior extensão á articulação da anca e da coxa, dando pontapés cada vez mais altos, de modo a obrig r a perna a descrever um angulo sempre maior, com a que fica na posição normal.

«Estes exercicios, bem como gimnastica sueca, devem ser praticados por todos os jogadores, incluindo o «guarda-rede», sem o que não conseguirá obter a extraordinaria agilidade, de que tantas vezes tem que lançar mão.

«O «foot-ball» é um jogo essencialmente colectivo, e, como tal, um jogo que requer um aturado treino de todos os jogadores para que estes saibam com o que podem contar pela sua parte e pela dos seus companheiros.

....

«Ainda o capitão do grupo, se deve até na sua vida particular, indagando dos até na sua vida particular indagando dos seus habitos, para lhes combater os vicios que porventura possam possuir, impondo-se pela sua conducta moral e correcta, pela sua pontualidade, criando no espirito dos seus jogadores a ideia da dedicação pelo «club», dedicação que muitas vezes terá que ir até ao sacrificio.

«Emfim, pode dizer-se que se o nome dum «club» depende dos seus «teams» representativos, estes muitas vezes dependem dos seus capitães».

BAIRRO CAMÕES

Dr. A. Narciso
Do Hospital de Santa Marta
Rua Nogueira e Sousa, 17
(Ao Luciano Cordeiro)

Teixeira, Campos & Almeida, L.da
Alfaiates-Mercadores
Acabam de receber o mais completo sortido de casimiras nacionais e estrangeiras para a presente estação.
Rocio, 26, 1.º Telefone N. 4544

LAXEOL
O unico producto que cura todas as doenças intestinaes
Lab. Farm. Internacional - R. DO OURO, 228

A Concorrente
de A. Mendonça Perdigão
Reparações garantidas em maquinas de escrever
Vende e compra sempre aos melhores preços, maquinas em segunda mão. Fazem-se copias á maquina.
Calçada do Carmo, 2, 2.º E. — Telef. N. 4076

CRONICA FINANCEIRA

A CIFRA SUBSCRITA DO EMPRESTIMO

O NOVO ACORDO DOS TABACOS

Supômos que á hora a que escrevemos nem mesmo no ministerio das Finanças se conhece a cifra exacta atingida pela subscrição do emprestimo interno. Não ha, porém, que duvidar de que tenha sido coberto. Se foi uma, se foi uma centena de vezes, pouco importa. O essencial é que a primeira vez, depois da guerra, que o Estado se dirige á nação, convidando-a a aplicar economias num fundo interno, a nação não haja respondido com desconfiança ou com a impossibilidade. Porque o facto de um emprestimo interno não ser subscrito não é caso inédito, mesmo em paises cuja série foi inaugurada com entusiasmo, continuada com exito e concluida com insucesso.

Esse remate infeliz só prova que o país que é convidado a dar semelhante aplicação ás suas disponibilidades, exgotou essas disponibilidades. Ignorando ainda, repetimos, a cifra subscrita do novo consolidado português, nós estranhariamos se nos dissessem que as coberturas maravilhosas de três vezes, de dez vezes os quatro milhões de esterlinos, se reduziram á cifra exacta da operação. Isso não depõe nem contra o patriotismo dum povo nem contra o credito dum país.

Escutassem os governantes os conselhos que nos dão os que se dedicam desinteressada e serenamente a estes problemas, tivessem as gentes que legislam e governam sido mais atentos á discussão da nossa situação financeira, levantada na imprensa da especialidade e pelos especialistas na imprensa diaria—e a ordem das providencias legislativas para resolver a crise teria sido absolutamente ás avessas da que se adoptou, isto é, ter-se-hia governado ás direitas, porque o que se fez é que foi feito ás avessas.

Tentaram-se operações externas no momento mais contra-indicado e contra todas as indicações das conferencias da Sociedade das Nações, que advertira o mundo financeiro que nenhum apelo de fundos seria tomado em consideração, provindo de nação que não tivesse acertado as contas publicas, abolido as despezas extraordinarias, criadas pelo estado de guerra e não tivesse dado mostras de uma tendencia para a normalidade e para um recrudescimento de trabalho.

Era uma advertencia, um aviso, uma indicação, categorica, peremptoria.

Insistiu-se, e as insistencias infrutiferas não só não remedeiam como agravam os males. E quando apelavamos para a operação interna, á procura de um tampão de ouro que nos salvasse, regressámos dessas bem inuteis tentativas com a nossa situação cambial mais agravada.

Caimos no agravamento das contribuições, outro erro de seriação, e acabamos por onde se devera e tanto fôra aconselhado: a operação interna.

Em que hora? Depois de ha muito passada aquela alucinada hora de excesso de numerario; na hora justa em que a escassez—que logicamente se seguiu e tinha de seguir á superabundancia—em que a escassez de numerario mais se fazia sentir.

Vai em quatro anos que um ilustre homem de saber—o sr. conselheiro Schroeter—aconselhou um emprestimo interno de 400:000 contos. Aconselhou-o na hora propria, com aquela visão que caracterisa os homens de eleição nos negocios, nas batalhas ou na arte de governar. Havia disponibilidades e não haveriamos assistido á subida da maré fiduciaria, que pelo menos se teria reduzido uns 300:000 contos.

Lançado nesta quadra em que ha a rarefação do numerario e do credito, o exito que presumimos haja tido o emprestimo interno é consolador e indice de que se não apela em vão para os portugueses.

Governar é sobretudo prever.

Os governantes portugueses quando não previssem, deviam ter escutado as previsões que lhes foram feitas, e que não foram poucas — da hora propria e aconselhada para um ou mais emprestimos internos.

Em todo o caso, parece-nos que, dado todo o condicionalismo do momento, a operação teve um acolhimento e terá uma repercussão logica.

* * *

Conversam em camaras, mandantes e mandatarios da causa publica sobre o novo acôrdo dos Tabacos.

O sr. ministro das Finanças concorda com a base-oiro e com as opiniões unanimes de acautelar a liberdade contractual do Estado português, findo que seja o actual contracto. Paralelamente fala-se na concessão do monopolio para as colonias, e fala-se em tudo isto de forma que decerto por deficiencia nossa, não compreêndemos.

Reponhamos as coisas.

No contracto anterior ao que hoje vigora e que termina em 1926, a companhia concessionaria tinha o direito de opção. Foi mesmo mercê desse direito de opção que a Companhia dos Tabacos pôde fazer sua a proposta da Companhia dos Fosforos que oferecia mais 250 contos (6.250) de renda fixa, do que a concessionaria cessante — Companhia dos Tabacos — que só oferecia 6.000 contos de renda fixa.

Mas, das condições do novo contracto, desapareceu esse direito de opção.

No actual contracto ha apenas o direito do opção para o caso de se alargar a concessão a qualquer outra parte do territorio nacional. E essa opção muito logicamente só é valida e assegurada á Companhia dos Tabacos, se a ampliação da concessão fôr decretada durante a vigencia do contracto do monopolio que a Companhia dos Tabacos tem para o continente.

Porque é que a curto praso do termo do actual contracto se pensa em ampliar a concessão do monopolio, isto é, se pensa em enfeudar o monopolio — decerto por um praso longo — á companhia que tem e não deixará de usar do direito de optar?

Não receiam os governantes, o sr. ministro das Finanças e o parlamento das consequencias que um alçapão juridico lhes reserva no contracto, (por opção ou não) da ampliação da concessão?

Não quererá ou não poderá ámanhã a concessionaria crear dificuldades, pelo menos a de evocar o direito de detentora dos edificios e aparelhagem—que são propriedade do Estado visto como, embora cessado o monopolio para o continente, a Companhia tem a concessão para o ultramar, e para uzar da concessão e cumprir as suas clausulas precisa dos instrumentos de trabalho?

Isso só seria o bastante para atar as mãos ao parlamento que reconhecesse e deliberasse abandonar o regimen do monopolio, e adoptar a régie ou a livre industria.

Por isto, todo o cuidado, e toda a clareza a pedir ao sr. ministro das finanças, são poucos.

ANALISES — INSTRUMENTOS CIRURGICOS
MOBILIARIO CIRURGICO E SANITARIO
Autoclaves, macas rodadas, cadeiras de repouso, etc.
As principais oficinas d'este genero no paiz
PRODUCTOS CHIMICOS E FARMACEUTICOS
ESTABELECIMENTOS ALVARO CAMPOS
LISBOA — 103, L. Duas Egrejas PORTO — 90, Rua Sá da Bandeira

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Isabel de Melo de Assis Mascarenhas de Barros, D. Maria Luiza da Cunha e Meneses Monteiro de Andrade e Sousa, D. Berta Lobo de Avelar Lima Pereira da Cruz, D. Maria Guilhermina de Brito e Cunha, D. Herminia Leite Ribeiro, D. Maria José Barão de Calheiros, D. Suzana Andersen da Costa, D. Beatriz Viveiros Pereira e D. Maria de Macedo Santos Leitão.

E os srs:

Conde do Lavradio, D. Francisco Monteiro de Almeida, dr. João Tavares Franco e Antonio Gonçalves.

A caridade

Corrida de touros

A tarde de ámanhã na praça de touros de Vila Franca de Xira, onde se realiza a anunciada corrida de beneficencia, cujo produto se destina ao hospital de Alemquer, e organizada como temos dito por uma comissão de aficionados sob a presidencia da sr.ª D. Helena da Silveira de Vasconcelos e Sousa (Castelo Melhor), e na qual tomam parte distint s amadores da velha guarda, vai ser uma verdadeira tarde de festa.

A corrida começará ás 5 e 3/4 da tarde, sendo corridos oito touros gentilmente cedidos pelos ganaderos srs. Antonio Lopes, Antonio Vaz Monteiro, Emilio Infante da Camara, Francisco da Silva Vitorino, José Martinho Alves do Rio e José Pinto Barreiros serão toureados pelos seguintes amadores: Cavaleiros: D. Antonio de Sequeira Freire (conde de S. Martinho) e D. José de Mascarenhas (conde da Torre), Bandarilheiros: Simão da Veiga, Mario Duarte, João Luis Fernandes, Julio Cesar dos Santos, Paulo David e Eduardo Nunes Perestrelo de Vasconcellos. Forcados: Jorge Rebelo da Silva (cabo) João Marcelino de Azevedo, Luis Pimentel, João Henrique Caldas, Jorge Neves Correia, Antonio José Vicente, Manuel Augusto de Azevedo (Auta) e Carlos José Gonçalves. Campinos a cavalo: D. Rui Vaz de Sequeira (S. Martinho) e Guilherme Guedes de Amorim. Moços de curro: Jaime Godinho (Abegão), Joaquim de Matos, Emidio de Aguiar e Hilario Barreiros. Careens: D. Augusto de Mendonça (Azambuja) e João Paposo de Alte Espargosa. Ancarilhos: D. Manuel de Almada e Lencastre e José Viana Abranches. Papagaios: Antonio Manuel de Brito Chaves e Joaquim Mascarenhas da Silveira. Coadjuvam a lida Octavio Bobone, Patricio Cecilio e Simão da Veiga Junior. A direcção da corrida está a cargo dos sr. D. Antonio de Portugal e Castro.

Depois da corrida haverá num batelão que se encontra encostado ao cais um serviço de «bufete» a cargo da Pastelaria Marques» ao preço de 20$00.

Como temos dito a ilustre comissão organizadora conseguiu que a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, organize na tarde de amanhã um comboio especial que partirá da estação do Rocio, ás 4 horas da tarde e regressará de Vila Franca de Xira, ás 11 1/4 da noite; para este comboio apenas se vendem bilhetes de ida e volta.

A espera dos touros efectuar-se-ha ás 8 horas da manhãa de domingo.

A COMPANHIA DOS TABACOS

escreve ao "Diario de Lisboa"

A proposito das declarações que fez «Um grupo de importadores», a Companhia dos Tabacos informa o *Diario de Lisboa* que as publicou, do seguinte:

1.º — A Companhia não faz «insinuações» — fez apreensões e remeteu-as para as estações fiscais competentes.

2.º — Os simulados pacotes *Virginia* têm todos os sinais de tabaco de importação, e quem tem a responsabilidade do respectivo despacho na alfandega é importador, ou equivale a importador.

3.º — Não autorisou a Companhia empacotamentos particulares senão com a intervenção do governo e a um numero *limitado* de quilos *que a Alfandega deixára já sair*, e do que se abusou depois escandalosamente.

4.º — As relações estreitas da Companhia com um importador, a que se alude, não teem impedido aquela de fazer a este mais de um reparo.

5.º — A Companhia nunca declarou o tabaco sujeito a uma quebra *natural* de 10 % de humidade. O que, para outro efeito, disse e escreveu *oficialmente* é que o tabaco *reduzido á secura absoluta na estufa quimica* acusou 10 % de agua, o que é coisa *diferentissima*.

6.º — Ao sr. Ministro das Finanças apresentaram dois massos de tabaco da Companhia *acidentalmente* com pezo diverso do marcado .. *mas a mais e não a menos* (claro acidente tecnico de empacotagem).

7.º — E' inexacto que os actuais procedimentos contra as irregularidades do tabaco importado sejam motivados pelo projecto que o Governo tem pendente, *ha muito*, nas Camaras. O inicio foi motivado *só agora* pela apresentação, que *um importador* veiu fazer á Companhia, de um masso de falso Virginia, chamando expressamente a sua atenção para o facto.

8.º — E' inexacto que a Companhia tenha qualquer participação nos aumentos de direitos.

9.º—E' inexacto que a Companhia no acôrdo só queira dar 6.000 contos ao Estado. Essa quantia é um *minimo* fixado pelo Estado, mas que pode ser consideravelmente excedido na pratica, e o será quasi certamente.

Como se vê, tudo inexatidões, que comportam esta observação final: *por muito que a Companhia possa lucrar com a sua concessão onerosa, ficará sempre centenas de vezes abaixo do que os negociantes de varias categorias de tabaco de importação, por bons ou maus processos, têm lucrado com as liberdades e facilidades de que têm gosado.*

LITERATURA

O capitulo "O Bravo"

do livro "Paço do Milhafre"

DE VITORINO NEMEZIO

O sr. mordomo proibira que se ajuntasse gen.. á porta do hospital, tinha ido a maca para a Alfandega, e o Doutor, avisado pelos sinos, descera até á muralha Já ninguem se entendia por môr dos gritos soltos, ais gunichados no ar pelas mulheres descalças e em cabelo:

—Ai, o mê rico home!

—Ai, o mê rico filho! Bôca da minha alma...

A um grupo no adro da Misericordia, todo de amanuenses, chegara o mestre José, no seu andar vagaroso, as pernas para fora em alicate ás avessas:

—Isto que foi, senhores?! Onde é que pegou fogo?

Então o Labandeira explica, num gesto fatal sobre o mar, que se erguera um tufão como um grande castigo e ninguem sabia dos barcos. Uma desgraça! Deviam estar fora, ainda, três ou quatro: o dos Lavoras, a campanha do Carocho, a gente do Grão de Milho; e estava-se para ali, de braços encruzados, mesmo diante da negra...

Aqueles dias chegados tinham sido de agoiro, sempre um ventozinho teimoso da Ponta da Má-Merenda, e agua Deus a dando num emborcar sem tafulho, como da boca dum pote. Na vespera, os cães tinham uivado, uivado... Escampando uma misca, bando de gaivotas vinham do Cabo da Praia, num grasnedo que vem do inferno, espaçado, e a modo uma agonia. Mas ainda se fôra ao mar, o Velhinho troivera vinte caldos de peixe, e chegara-se bem ás garoupas, de baratas. Tinha dito o Francisco Gil—que fôra da Marinha e pescava ha trinta anos—que o tempo, de modo que se punha, carregando ao nordeste na direitura do Ilheu e vareiando o Zimbral como quem malha linho dava com certeza asneira grossa, e era bom reservar a ribeira de ir com as ventas ao tanque.

—Coisas do velho tonto!—dissera o Calboiço, de má fé.—Vamos mas é para diante, que o milho já está em meia quarta!

E foram. A's três da manhã, o Saldanha correra a viassacra, batendo aos vidros de todos:

—São horas! Toca a erguer!

E as suas galochas roliças acalcavam lamaceiros, deixando patadas fundas. O homem da tia C...as impertinentara-o com preguntas, do quente fogo da cama, muito chegado á mulher e tossindo:

—Oh home, isto é um tempo desalmado!

—Vai, se queres! Tanto se me dá como se me rende...

E desandou. Daí a bocado, todos os barcos, mesmo todos, deslisavam nos paus besuntados de sebo, aos chapes, no areal:

—Arreia!

—Nossa Senhora da Boa Viage vá co'a gente!

No dos Lavoras, o Velhinho ia encolhido e como que feito um azar; o remo ia-se-lhe das mãos, saltando do tolete, a pontos que o mestre disse:

—Eh r'pá'! Parece que entrou ar contigo... Que diabo de esmalmação!

Lavora filho entrou a fazer pouco, que aquilo era a avó do Velhinho a falar nele; não se fazia caso:

—Coisas de atentar santos!

Mas o Velhinho lá sabia! Passante da festa fizera seis anos de casado com a Palmira, ia trincar de breve, e nunca sentira como agora uma coisa que o afligisse assim, á especie dum diabo que lhe assubia desde as unhas dos pés, e na arca do peito encavava o coração á laia dum barrete, com dois furos para os chavelhos, donde o sangue escorria que nem das bicas da Luz. A' ceia, arredara a tigela das coives e fincava a cabeça nos punhos, olhando as traves.

—Ah Manuel, que é que tens? Não comes? ..

Era a pobre da mulh...-a-sua, agoniada.

—Nã sei... Nem que estivesse para assuceder alguma desgraça... A modo uma tapação...

Desapertara a camisa de flanela, descobrindo a peitaça; depois, lavou os pés A celha ia-se-lhe emborca..., a mais moça esberreou no bercinho, e ele viu a modo uma coisa negra como um tição, que acenava na parede:

—Olha, olha!

Palmira não vira nada; aquilo era dos olhos encandeados:

—Deita-te, home! São tentações do inimigo..

Mas o quê! Não se lhe tirava da ideia o quer que era, pesado como uma roita á especie dum lobisomem como se tinha visto na Serra e ele escutava ser o filho do Marau. Ainda esteve a mexer nas gorraseiras, dependuradas na cozinha; experimentara a tranca da porta da rua e passara-lhe as duas tramelas. Afinal, resolveu-se. Palmira dissera:

—Maneia-te!

No quartinho da cama, mal cabia a barra, havia uns chapelões borrados a tinta de oleo e umas bragas de ir á rede. Um frontal caiado de branco separava o cubiculo de o mei-da-casa, onde, em riba duma banca de pinho, um relogio esvigiava, tic-tac. Ele olhou: mercara aquilo na venda do Francisco Cambadinho, por seis mil réis; tinha-os poipado á soldada Bons tempos! Ao meter na cama ia-se esquecendo de resar e foi a «sua» que alembrou:

—«Com Deus me deito, com Deus me alevanto».

Noutras eras ele folgava áquela rêsa, brincalhão e melgueiro:

—Contigo é que me eu deito, rapariga!

Palmira arrenegava, não gostava que se brincasse com Deus Nosso Senhor, mas ele sabia-lhe do fraco e trazia-a ao rêgo. Era só um sopapinho mais dengueiro, e depois... Até era por demais! Uma esfalfacão de brincalhotices por aí além...

Mas nessa noite encornara no cabeçal acalcado e virara-se para a parede. A' borda estava o berço da pequena, que a mãe de noite embalava, tunc-tunc... E a pendula: tica-tac...

Meia noite—e o Manuel, de olho arregalado ainda! Caiu uma hora da Cambra, tremida, como um arrepio de frio em pontos de febrão. Nada! O sono andava lá em casa do diabo, Deus me perdoe! E duas. Foi então que passou por um nada de madorna. Muito aflito, sonhou: era no Poção, no tempo do chicharrinho. Ele estava de perna estendida na borda do barco e o caniço fazia sombra na agua Peixe? Nem um! Isso pegava ele, na pressa em que ia! A' tabua de vante, o ti João Cabeçudo picava engodo num cepo, de facão nas unhas Virou-se. O barco adernara uma pisca e caiu-lhe por riba, em arco, uma mancheia de tripalho. Puxou o anzol, pôz-lhe a isca. De repente escureceu, nuvens grossas, um ape...ar das ilhargas como quem fecha cancelas: tinha-se feito noite e o sino da Matriz dava as trindades, moles. Então o sonho foi-se dobando, dobando que nem linha. Já a maresia alta esbalançava o barco e eles tinham remado para fora. Veio uma vaga que os embrulhou como um capote. O Chico Bigode baldeara da pôpa e nadava desesperado, com o ranho a cair; olhando-se em roda era tudo negro-negro: então apareceram as feiticeiras.

Era um dansa do inferno com calhamaças tamanhas, desavergonhadas de velhas que arrastavam novelos como mólhdas de corda, e aos gritinhos, e aos segredinhos, e cochichando, largavam a correr com passadas de legua. Uma, tinha ele marcado: era a Franganita! Uma vez que fôra vender peixe de caldo para o monte, topara-a, aí pelas alturas dos Almos Bravos, de saiote á cabeça, em pinos do mei-dia. Ele ia, gig-gig, debaixo da muleta, um carreto de temer. E má-moda. A do José Nunes das Canas regateara uma boca negra e dera só uma serrilha; vai a Franganita, pede-lhe um cabós. Não deu:

—Grandessissimo diabo que a carregue, sua feiticeira! Vá ganhá-lo com a curta da cara!

E abalou, danado, gig-gig. A servória resmungou, toda pernóstica:

—Pois tantos demonios te acompanhem ás profundas, quanta fome negra eu tenho relhado, estupor! Abrasado sejas tu no meio do inferno e te nasçam cornos tã bastos como milheiro, cão tinhoso!

Velhinho esteve nas duas e nas três para lhe arrumar uma trouxada. Teve-se mão, porém. Sempre era femea, e já lá dizia a tia Caveira que as rachadinhas se poipavam. E ele queria bem á alma daquela tia, como quê! Assim Deus o salvasse! Presa do Ferrão acima, e seu passo estugado lembrava o do Carias, tanto se lhe dando... Depois, considerou A's vezes, não fosse coisa do diabo, que aquela gente antiga tinha manhas de encampar. Desde que comia pão se lembrava de ouvir que a Franganita dava quebranto aos pagõ s, enguiçava as rezes no trabalho, e seara em que puzesse olho era um mirrar pelo S. João, que até cortava a alma! Tinha medo—que isso é que era!—de pragas, maus rogos e artes excomungadas; e as barrigas das pernas lhe tremiam, sob os dois cestos de peixe, com lembrar-se das historias da tia Caveira, quando morriam feiticeiras Dizia ela que berravam como bezerras relhadas, agoniações de resfolego e uma fogueira nos olhos. Então, de dentro dos lençois, saia um atilho imitante á tripa da agonia, na ponta uma quebradura. Era o novelo, preto, de lã de bode, daqueles feios e escaveirados, brava galhadura, uma pera assim... méée... A moribunda saltava então a zurrar:

—Quem pega, que eu largo! Quem pega, que eu largo!

Tinha alguem de pegar por força—arrematava a tia Caveira—para que nunca deixasse de haver feiticeiras no mundo.

Agora, no Poção, lá estava a Franganita! Vinha-se vingar! Se ele tivesse dado o alma do diabo do cabós, nada daquilo assucedia... Era um miserento!

Mas ninguem podia ter mão no barco, que parecia um berço sem rei nem roque, para trás e para diante. Uma chuva alaga-tolos desabava impertinente, basta e muito de banda, e ele viu que as feiticeiras, lá para onde era S. Miguel, bailavam todas em fiada uma especie de «Sapateia», com rasgados e piparotes na tampa da caixa da viola. Iam e vinham de manto, como beatas, as cadelas! e depois impavam como bexigas de porco com assopros espremidos, nem intrafolhos a encher. Acendeu-se um clarão passante do Ilheu e foi correndo á direita. O Chico Bigode dissera:

—Ai, que a gente morre hoje!

A' ilharga da Franganita estava a tia Retrós, com sua pasta; mais á esquerda, a Pau Real abria as beiçanas; e como padre-mestra da f...cção, a Tonta das Presas despontava, com um forquilho alçado, a manobrar aquilo tudo. Elas tinham dito:

—Vamos a eles?

Mas a Retrós quizera parar uma migalha e ensaiou um rebola-a-bola pandego. As outras riam como perdidas, as velhacas! E em outra vez e torna atrás, enlaçavam as pernas, faziam, dos peitos cevados, como que tambores de folião, esguedelhavam as trunfas num abrir de enchelavar, e dos braços muito negros faziam uma corda grossa, como quem prende um toiro, a galope os levando todos juntos, talvez para o meio dos infernos! O mestre lembrara que se cortasse a corda, como ás baleias desêncavadas, mas de pé para a mão tudo estoirou, e o Velhinho, desalastrando a roupa, prantou uma balacha na coitada pobre da Palmira, arrematando:

—Sume-te!

—Credo, home, que me pisaste!

Velhinho olhou arrelampado, esfregou as meninas dos olhos e disse:

—Que horas são?

Nem que fosse de proposito, sentiu bater na vidraça.

—E' o ti Antonico?

—Talqualmente. E mexe-te daí! Tê mestre já vai passante a Casa do Peixe.

—Já lá vou, ti Antonico! E que tal estamos de tempo?

—De má cara, de má cara... Maneia-te!

Ele ergueu-se depressa e Palmira tambem. A pequena graças a Deus, comia bem e estava melhor da carinha. Dera-lhe a modo uma erisipela brava, e aos cantinhos da boca tinha lostras e cascôezinhos que a faziam chorar como um cordeiro. O João, que fizera cinco anos pelos Santos, deu fé de que se mexiam e começou a carafunfar para ir tambem:

—Eu vou ao mar mais o pai! Eu vou...

—Cal'-te—dizia a mãe, arroucando, por via de não armar barulhos. E foi-se para a cozinha.

O Velhinho estava a amarrar as bragas, com um pé em riba da caixa, e em mentes apilhava uma pulga que se prantava no nastro, foi pedindo á mulher não lhe amanhasse o decomer, que andava com um fastio, que isso é que era! Pela sua salvação como deixava tudo; e era escusado esperdiçar. Palmira teimou, que sempre ele estava um biqueiro, que não sabia que fazer á sua vida. E, á surrelfa, destapou a salgadeira, desencantou um bocado de linguiça que restava da matança, e disse:

—Levas isto no pão. Sempre é uma pisquinha de conduito, que a gente anda a modo desconsolada...

E aqui estão duas laranjas, para emriba.

—Já disse que não quero, e tu a dares-lhe!

—Leva, home, leva! São da ladeira do João do Pico, doces como açucar...

Ele foi metendo aquilo na algibeira, por descargo de consciencia. E, pau ás costas, o balde de apetrechos gingando, chegou-se para a porta. Fora, o vento buzinava grosso, nem um vigia na eira. Um cão negro passou, de rabo enrosquilhado, os olhos a luzir, e ele teve um tremor de espinhaço que fez sacudir o balde. Nesse dia, contra o vêzo, encostou a mulher para si num grande abraço apertado:

—Dá-me um beijo... A gente não sabe para o que está neste mundo...

—Credo, ave agoirenta!—esconjurou Palmira, com um chupão nas bochechas.—Nem sequer digas isso!

Veio á meia porta com a alamparina defumada, viu-o encobrir, num matulão de sombra, ao virar do Monturo, e ficou um instante a olhar a casa das Senhoras com os seus paredões de castelo, os ralos lá em riba, espaireçosos... A'quela hora dormiria a Zuezinha, sem ralações nem cuidados, a sonhar com o esposo nas camas largas de colchas com passarinhos estampados. Tambem não era invejidade, que as Senhoras eram boas e davam maçãs ao pequeno. Mas, arrecolhendo, arripiada, sempre foi resmungando:

—Uns com tanto e outros sem nada! Que se lhe ha de fazer...

....

....

VITORINO NEMESIO

S. CARLOS Telef. C. 5063
Companhia LUCILIA SIMÕES
HOJE — PENULTIMA REPRESENTAÇÃO
A interessantissima peça
A CASACA ENCARNADA
Mad. Schuback: LUCILIA SIMÕES
Evaristo Fernandes: ERICO BRAGA
Magnifica ensecenação de ANTONIO PINHEIRO
Primoroso programa pelo sexteto
Bilhetes desde 2$00
A'manhã—Despedida da CASACA ENCARNACA

APOLO Telefone n.º 4129
HOJE — Noite de gargalhada — HOJE
O meu homem
com José Ricardo e Ilda Stichini
nos principais papeis
Peça para familias
Na proxima semana: Recita de Homenagem a Eduardo Brazão. «A Saudade», de Lopes de Mendonça, «Má Sina», de Bento Mantua.

TEATRO AVENIDA
A's 21,30
Companhia Aura Abranches
O GAIATO DE LISBOA
soberba criação de Adelina Abranches, terminando o espectaculo com Canções portuguesas por Aura Abranches
Dia 25—Recita do actor Sacramento—A MÃE.
Dia 29—Recita da actriz Adelina Abranches.

POLITEAMA
EMPREZA LUÍS PEREIRA
Tel. 3028 N. A's 21,30
Comp.ª REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
A DAMA DAS CAMELIAS
Reconstituição historica da celebre peça de Alexandre Dumas, tradução de Norberto de Araujo — Guarda-roupa e scenarios novos — Musica de scena da epoca

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

SCALABITANOS
Deliciosiss mos licores! Soberba apresentação!
DEPOSITO GERAL Telef. C. 1196
RUA AUGUSTA, 70, 2.º

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Comentarios

O Etna acordou. As populações das pequenas aldeias sicilianas que lhe velavam o sono, ao sentir-lhe a furia indomita de leão enraivecido, abandonaram os seus lares numa correria tragica e louca — implorando ao ceu a protecção divina.

O bispo de Linguaglossa, rodeado de crentes, subiu ao alto de um monte e ordenou á lava com um gesto do seu baculo que não continuasse a espalhar o horror e a morte pela campina banhada de sol e de luar.

E a lava, numa torrente fantastica de sete metros de altura, foi lambendo a terra como uma lingua de fogo, sem ouvir a ladainha catolica aos crentes e os gritos despedaçados de angustia das mulheres e das crianças. A lava não tem coração. E' uma especie de mulher a dias — tragica, desgrenhada e louca — que vai lavando montes e vales, sem escova e sem sabão.

* * *

Um aeroplano voou sobre a enorme bocarra escancarada do vulcão, levando jornalistas e fotografos, que fixaram na retina e na objectiva alguns aspectos flagrantes do grande mar de fogo que saia do Etna em golfadas abundantes, cobrindo a terra num raio de quarenta milhas de um imenso tapete verde metalico — como se tivesse nas entranhas uma primavera florida de tragedia e de morte.

A reportagem moderna tem destes rasgos de audacia, para que nos pontos mais distantes do globo as familias possam lamentar ao serão, diante da estampa e da cronica, a desgraça que vai por esse mundo de Cristo — onde há ainda vulcões que não se compadecem das lagrimas e das preces.— N. L.

O TEATRO CLASSICO

IMPRESSÕES

sobre a interpretação DE AMELIA REY COLAÇO na "Dama das Camelias"

A *Dama das Camelias*, sincopado o primeiro acto, é uma peça de instinto romantico, de nervos vibrantes, alma sacudida, coração preso esvurmando dôr nas garras do abutre de Prometeu. Não admite uma estilisação, quando muito, uma individualisação. A estilisação é um recurso de arte, um meridiano de beleza, uma fórma de teatro em que a vida não nos é dada tal como ela é,—como ela jorra, crepita, terra humana em que o sonho é humus e o sangue arterial escorre em gotas lucilantes, em volupias de côr, imenso e magestoso como um rio sem destino,—mas sim presa a uma figura, sugeita ao seu preceito, dominada pelo seu timbre pessoal.

Uma artista deve viver a figura que encarne, e só no fim, á h[illegible] dos apl[illegible], quando o pano desce, emergir da [illegible]—e ser ela, ela para sorrir e para agradecer apenas.

A individualização em arte é o circulo maximo, a eclitica da vida, que tudo abraça, e que tudo comporta, alma e coração, fundidos, aproximados, vivos, palpitantes.

Silva Pinto disse de Camilo que ele tinha as sublimes cordas do chôro e do riso. São elas que fazem a verdadeira arte, o teatro grego, todos os teatros, Schakspeare, Victor Hugo, Sarah Bernhardt...

Este nome reconduz-nos agora á apreciação, que não pode deixar de ser gentil, da festa da ilustre artista sr.ª D. Amelia Rey Colaço.

Sarah Bernhardt criou uma *Dama das Camelias*, padrão de beleza, imorredoura e forte onde se vão aferir todas as novas tentativas; realizou o romantismo de uma epoca, fonte e mar de todas as lagrimas, e tão frenetica de luz, tão cega de grandeza, tão deslumbrante, que dir-se-ia ter a suprema tragica ido ao cemiterio de Montmartre tirar da lama do coval, o esqueleto esfrangalhado de Marie Duplessis e com ele, fantastico e errante, em todos os palcos do mundo, perturbar o seu seculo e a vida humana, de dores desconhecidas até aí.

Para interpretar a *Dama das Camelias* é necessaria uma construção romantica, um timbre de emoção unico e privilegiado.

Não sei mesmo, se a alma humana d'agora que varia e se modifica com o tempo que se modela e adquire novas nuances psicologicas, mais finas e mais impalpapaveis, onde a lagrima é nada e a palavra é tudo, pode recuar até 1840 e encarnar uma evocação, que tem muito de milagre de Deus, Margarida Gauthier, que existiu e amou, chorou, sofreu e morreu, tal como nos descreve Alexandre Dumas. Estou em crêr mesmo que Marie Duplessis não pode ser interpretada por uma figura tipicamente oposta, de linha limpida como é a da sr.ª D. Amelia Rey Colaço, figura de exteriorisação, de gracioso sorriso que tem muito de virgem de Amiens ou de retrato doirado e retocado de distinção, de fragilidade á Fragonard.

Valeria realmente a pena ressuscitar a figura de Maria Duplessis, num lindo ambiente de scenarios, como foi o de ontem, por uma figura oposta, que fez o seu nome, no teatro humilde e silvestre de Galdos? Que novo ritmo ou que nova alma é possivel dar a Margarida?

A sr.ª D. Amelia Rey Colaço fez ontem uma tentativa radiosa, que ficara na historia do nosso teatro, como um nobre esforço. E' possivel que essa interpretação não fosse uma exumação absoluta da figura, agitadora frenetica e alucinante de almas, romantismo puro, vertendo todas as dores, numa onda de emoção que viesse do palco, e na noite negra da plateia, acendesse um cruzeiro de lagrimas, palpitasse, crescesse e se desfizesse de encontro aos nossos olhos, como no mar alto, ou como nos espaços inter-planetarios as vagas altas de luz.

E seria tão belo sofrer com a actriz, amar com ela, sorrir com ela, morrer com ela, ver-lhe o coração despido de carne e nele a ero zão calcinante das lagrimas!

Porque a *Dama das Camelias* tem feito chorar o mundo, encadeado amores; foi o tipo da mulher que a nossa mocidade ardente e louca concebeu, e nós não a podemos ver se não perto do nosso sonho, da nossa fantasia, imaterial e alada, estatua de portico, na sombra calada dum baldaquino de mãos postas, rezando o amor e o perdão a Deus.

* * *

Trata-se de uma reconstituição historica, ou da reconstituição historica? Neste ultimo caso, a sr.ª D. Amelia Rey Colaço deveria ter sacrificado a sua linda cabeça, onde o sol colocou uma grinalda de oiro, pelos negros e romanticos cabelos da autentica Marie Duplessis. Isto é um detalhe de somenos importancia que pode influir, na determinação psicologia da figura, se se trata da reconstituição historica da *Dama das Camelias* e se Stendal estivesse escrevendo. A *mise-en-scene* do primeiro acto que é notavel de bom gosto, pode tambem sob a visão de uma critica exigente, carecer de riquesa e de sumptuosidade de mobiliario que existiam em casa de Alfonsine Plessis, já condessa de Perrigaux, e cujo leilão, após a sua morte, rendeu fortunas.

A interpretação de Amelia Rey Colaço, no primeiro acto foi brilhante. Nos dialogos com Armando Duval a sua fisionomia modelou constante e emotivamente a palavra. No entanto, a sr.ª D. Amelia Rey Colaço, não sacrificou a sua virtude de mulher, á sua virtude de artista, para nos dar uma cortezã. Cécile Sorel, como *dame galante* foi extraordinaria neste primeiro acto, todo de alta comedia leve e fugitiva, em que é preciso ao lado de distinção, a altivez, o orgulho que fazem ajoelhar todos os que se aproximam e que dá o temperamento da *Dama das Camelias*, e, daí, por contraste com o amor, a dramatização de toda a peça. A scena da ceia que é muito dificil de conjugar, pelo numero das figuras que nela entram, ressentiu-se ontem, da dificiencia artistica das figuras de segundo plano. Não é apenas o sorriso que faz a alegria. É o prazer, a vivacidade esfuziante e febril que a dá e comunica ao publico.

Se o primeiro acto, é uma pintura local do *demi-monde*; o segundo é o amor; o terceiro é a renuncia; o quarto o odio, e o quinto a morte.

No segundo acto a sr.ª D. Amelia Rey Colaço valorisou intensamente o seu papel. No

(Vêr continuação na 8.ª pagina).

Pelos teatros

«Filarmonia de Lisboa»

Conforme é do dominio publico, é hoje que se apresenta, no Coliseu, perante o nosso publico da capital, a «Filarmonia de Lisboa», orquestra seleccionada com os melhores artistas do nosso meio, sob a sabia direção superior do insigne maestro português Francisco de Lacerda. O programa, formidavel, é o seguinte:

«Egmont» (abertura), Beethoven, «Largo Haendel»; «Minueto», Rameau; Prelúdio da opera «Frei Luis de Sousa», Freitas Gazul; Fragmentos dos «Mestres Cantores», Wagner; «Freischutz», (abertura), Weber; «Reverie» Schumann; «Stenk Razine» (poema sinfonico), Glazounow; «Saudade», David de Sousa; «Rapsodia Norueguesa», Lalo.

Os operarios que costumam frequentar a «Hora de Arte» podem, mediante a apresentação dos seus bilhetes, das 5,30 ás 7,30 da tarde em S. Carlos, assistir gratuitamente ao concerto do maestro Lacerda no Coliseu.

«A Mãe»

Vamos, positivamente, numa maré de grandes sucessos. No Avenida. Ontem, foi um triunfo a reaparição desse azougado «Gaiato de Lisboa», no qual a grande Adelina Abranches deixou o publico ainda boquiaberto no seu incomparavel «travesti» e o numero de «Canções Portuguesas» cantadas por Aura Abranches, que se excedeu em galantaria, em graça e em finura tendo a aclama-la todo um publico entusiasmado. Pois já na segunda feira, em recita do talentoso actor Sacramento, rapaz cheio de qualidades, agora mesmo reveladas na colaboração com Bento Mantua, na peça que acaba de editar-se «O cerco de Tanger», temos novo e sensacional espectaculo: a «reprise» da notabilissima peça de Santiago Roussiñol, «A Mãe», soberba creação de Adelina e na qual o festejado tem um dos seus mais primorosos trabalhos.

Atrás do reposteiro

Para a empreza que vai explorar o verão, no Nacional, foi contratado o actor Romualdo de Figueiredo.

—Está de luto pela morte de seu pai, ocorrida na vila de Chaves, o actor Clemente Pinto, actor do Nacional, a quem enviamos os nossos pezames, tanto mais que seu pai, oficial medico reformado do exercito com um posto superior, era um dos mais elevados caracteres e das figuras mais ilustres do distrito de Vila Real de Traz-os-Montes.

—O actor Leopoldo Frois, que tem estado em Paris, segue dali directamente para o Rio de Janeiro, no proximo mês de julho, voltando a reorganizar a sua companhia e a sua empreza.

—Parte ámanhã, no «Sud-Express», para o Porto, o actor Nascimento Fernandes, que em Lisboa deixou entaboladas varias combinações para a epoca de inverno proxima.

—Tambem está em Lisboa, com curta demora, o emprezario sr. José Loureiro, que veiu propositadamente para activar varios trabalhos respeitantes ao seu teatro da Trindade, o qual deverá ficar concluido em setembro, ficando a custar o edificio cêrca de dois mil contos.

—O Nacional reabre as suas portas no dia 29, com a «première» da peça «Viuva Gomes», de João Bastos e Henrique Roldão.

—A peça «Má Sina» que vai representar-se no Apolo, em recita do ilustre actor Eduardo Brazão, ensaiada por Maria Matos, tem a seguinte distribuição: «Maria», Ilda Stichini; «Antonio», moleiro, Eduardo Brazão; «Manuel», Gastão da Cunha; «Tomé», José Ricardo e «Pedro», filho de Antonio e irmão de Manuel, Mendonça de Carvalho.

—A revista «Caldo Verde», em ensaios no Eden, deve subir á scena no final deste mês.

—Estabeleceram um acordo para vestirem peças em conjunto, a Empresa de Materiais de Teatro e o «costumier» Castelo Branco.

—Antes da peça «Salomé» original do escritor brasileiro Renato Vieira, que ontem entrou em ensaios em S. Carlos, apresentar-se-ha pela primeira vez em Lisboa o original de Antonio Ferro «Mar Alto» que no Brasil obteve um ruidoso sucesso.

CARTAZ

S. Carlos — Ás 21,15 — «Casaca encarnada».
Nacional — Não ha espectaculo.
S. Luis — Não ha espectaculo.
Politeama — Ás 21 — «A dama das Camelias».
Avenida — Ás 21 — «O gaiato de Lisboa».
Apolo — A's 21 — «O meu homem».
Eden-Teatro — Ás 20,30 e 22,30 — «Ceu aberto».
Coliseu dos Recreios — Ás 21 — Concerto da «Filarmonia de Lisboa».
Gil Vicente — Não ha espectaculo.

Animatografos e variedades

Salão Foz (Calçada da Gloria).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Chiado Terrasse (Rua Antonio Maria Cardoso).
Olimpia (Rua dos Condes).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Teatro dos Anjos — Companhia de variedades.
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora (Ao Calvario).
Eden Cinema (Alcantara).

MIRANDA & FILHOS
JOALHEIROS
50-CHIADO-LISBOA

DE LUTO

Maria Elisa Azevedo Coutinho Pestana

Após um curto mas dolorissima sofrimento, faleceu ontem, a sr.ª D. Maria Elisa de Azevedo Coutinho Pinto Guedes Pestana, que foi gentil e extremosa filha da sr.ª D. Maria da Madre de Deus de Azevedo Coutinho Pinto Guedes Pestana e do sr. major Antonio Luis Pestana.

Contando apenas dezoito annos, esta interessante menina sucumbiu aos rapidos estragos duma meningite-tuberculose, deixando na maior consternação todos quanto apreciavam as suas virtuosas qualidades, em quem deixa um sulco de imperecivel saudade.

A sr.ª D. Maria Elisa de Azevedo Coutinho Pestana, não obstante o incomparavel martirio produzido pelo seu atroz sofrimento, recebeu os Sacramentos da Igreja com a mais abnegada fé; tendo-lhe sido tambem ministrada a Extrema Unção.

O funeral da desditosa menina realiza-se ámanhã, domingo, ás 10 horas da manhã saindo o feretro de casa de seus inconsolaveis pais, na Cruz da Pedra, á Estrada de Bemfica.

Ana Viegas Pires

Na igreja de S. Nicolau realizou-se ontem, com grande assistencia, uma missa por alma de D. Ana Viegas Pires, mandada rezar por seu filho, Vasco de Viegas Pires, funcionario do ministerio da Agricultura.

O TRAMBOLHO
por Guedes do Amaral
NOVELA SUCESSO
N.º 18
PREÇO 1 ESCUDO A' VENDA

90:000$00
8:608
Foi o numero da SORTE GRANDE mais uma vez vendido pelo feliz cambista
PINA
em vigesimos.
SEMPRE SORTES GRANDES
Bilhetes e suas fracções já ha venda para todas as lotarias anunciadas.
PEDIDOS A
COSTA, LIMITADA
75, Rua de S. Paulo, 77 Tele {gramas Alpina / fone 3486-C. LISBOA

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

OS SANTOS POPULARES

Fogueiras DE S. JOAO

NOS CLAUSTROS do antigo convento de S. Domingos de Benfica

Na travessa de S. Domingos, a Bemfica, um pouco adiante das Larangeiras, no antigo convento dos dominicanos, fica a 1.ª secção dos Pupilos do Exercito, onde hoje e ámanhã se festeja alegremente o santo das fogueiras e dos amores.

Quizemos ver. Veio receber-nos ao portão uma figura simpatica de velho, um pouco alquebrado, seus oculos pretos a esconder a saudade que se lhe deve ler nos olhos, do tempo em que o S. João era propicio aos seus amores. Chama-se João Marques Alves e nasceu no tempo da senhora D. Maria II. Foi para ali morar com familia aos três anos de idade. E o que ele tem visto em 70 anos, santo Deus! Como a sua memoria deve sentir o peso de tanta recordação!

Dissémos-lhe que queriamos ver os preparativos da festa. Acompanhou-nos. O S. João promete. Ao centro vê-se um grande palanque, com mastros a toda a volta. Festões de verdura cingem e cobrem a grande tela circular como enormes serpentes da India. Do arvoredo pendem, nas suas cores garridas, bandeiras de navios e balões esfericos de Veneza. Coreto para a musica, «bufete», tanque para pesca de surpresas, e á noite acendem-se as fogueiras e toca a bailar e a folgar. O bom João Marques vai-os contando, como se fosse um livro de Historia que se abre:

—Ao tempo em que eu vim morar para aqui com a minha familia, ainda isto era uma fabrica de estamparia. A infanta Isabel Maria, irmã de D. Pedro IV, habitava aquele palacio onde hoje está a Casa de Correcção. Em 1859 comprou este predio por doze contos — com igreja, quinta e mais pertences — para nele instalar as irmãs francesas de S. Vicente de Paula, que dali retiraram em 1865, forçadas pelas leis de Aguiar, voltando em 1867.

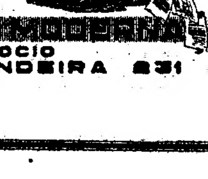
João Marques esteve sempre ao serviço das francesinhas e da infanta D. Isabel Maria. Acompanhou-a a Roma, na visita que fez ao papa Pio IX, regressando com ela dezoito meses depois, quando Vitor Manuel tomou a Cidade Eterna.

Um pormenor historico interessante: excomungado o rei de Italia, a filha, D. Maria Pia, apesar de rainha de Portugal, não pôde entrar durante algum tempo no palacio da infanta.

Prossegue a nossa peregrinação. Agora o claustro. Colunas duplas ogivam-se em piedade, para o ceu, a recordar-nos as preces murmurantes das freirinhas. E' por ali que se entra para a capela onde repousam, nos seus tumulos de marmore, ao dorso de elefantes, D. João de Castro, a esposa e os filhos. O antigo visorei da India tem a acompanhá-lo, mesmo na morte, o simbolo da força que lhe foi propicia em vida.

Cá fora, dão-se os ultimos retoques na disposição das prendas para o bazar. Muitas delas são interessantes trabalhos de modelação dos alunos. Adivinha-se ali a intervenção de delicadas mãos femininas. Colocam-se lampadas nos candelabros e peixes de celuloide num tanque, ao centro do claustro. Ha palmeiras, verdura, flôres. Logo acendem-se as fogueiras e não ha de haver em Lisboa S. João mais festejado que nos Pupilos do Exercito, no antigo convento de S. Domingos de Bemfica.

"CRUZEIRO DO SUL"
por Norberto Lopes
COM UM PREFACIO DE GAGO COUTINHO
A' VENDA NAS LIVRARIAS

Escrita á maquina
Ensino rapido, perfeito e garantido na

ESCOLA MODERNA
ROCIO
ARCO BANDEIRA 231

AS PEIAS BUROCRATICAS

A CAMARA AINDA NÃO CONCLUIU NEM TEM DEIXADO CONCLUIR TRÊS DAS AVENIDAS NOVAS

Carlos Malheiro Dias lançou ainda ha tempo um apelo a todos os portugueses para que embelezem Lisboa, e a tornem grande e rica, de molde a constituir um atractivo para nacionais e estrangeiros.

Da maneira como são acolhidos pelas entidades oficiais os particulares que se metem a essa tarefa, dá uma ideia clara o caso que vamos apontar.

Ha dias o sr. Simões de Sousa contou-nos que a Camara, em vez de dar pronto despacho a uma proposta de seu pai, o importante e conhecido capitalista Bráz Simões, oferecendo inumeras vantagens para a cidade não só não resolvera coisa alguma, mas ainda o impedira de levar por diante o seu proposito.

Bráz Simões — nome que anda indestrutivelmente ligado á Lisboa moderna, a quem forneceu um novo bairro — confirmou-nos o facto.

—Consta que, a exemplo do que fez no chamado Bairro de Inglaterra, pretendia criar no Campo Pequeno um novo bairro.

—E' verdade. E se ainda não se começou a edificar, a culpa, não é minha, como vai ver: A Camara Municipal tinha obrigação de adquirir a Quinta do Conde das Galveias, em frente á Praça do Campo Pequeno, porque tem necessidade dos seus terrenos, para concluir as Avenidas Defensores de Chaves, Elias Garcia e Barbosa du Bocage. Como porém, a não adquiriu, por falta de dinheiro ou má administração, comprei-a eu, com outro amigo.

Propuzéram á Camara em 1920 a conclusão dessas Avenidas:

—As condições eram as seguintes: concluiamos as três avenidas, e alargavamos a Rua do Arco do Cego, sem nenhuma despesa para a Camara e oferecendo o terreno...

—E seguiam as prescrições da Camara?

—Absolutamente, com esgotos, pavimentos e drenagem com o material indicado por ela. Tudo isto nos comprometiamos a fazer dentro do prazo dum ano.

—E não pediam qualquer compensação?

—Em troca de mais de 1000 metros quadrados de terreno e da construção gratuita das três Avenidas, pediamos apenas uma faixa de terreno com a area de 2900 metros quadrados, pertencentes á Camara. Esses 2900 metros devem hoje reduzir-se a mil e tantos, porque ela vendeu-me os restantes. Além disso, ainda nos encarregavamos gratuitamente do alargamento da Rua do Arco do Cego, oferecendo o terreno necessario.

—Qual foi a resposta da Camara?

—Objectou-nos que, tendo um contracto com uma empreza para o monopolio da construção de ruas, não nos podia dar essa autorisação. Não desistimos, porém. E o Supremo Tribunal Administrativo confirmando o despacho da auditoria administrativa do distrito, suspendeu as deliberações camararias sobre o assunto.

—Em resultado disso...

—Resolvemos novamente instar junto da Camara, para que nos concedesse autorisação para a conclusão das ruas. E, como nunca mais viesse uma resposta satisfatoria, começamos, em Dezembro, a realisar o nosso projecto, a exemplo do que teem feito e estão fazendo outros. As obras ficáram bastante adiantadas e garanto-lhes que até ao fim do ano terminariam, ao contrario das do Rossio que levram 4 anos...

Aqui, porém, surgiu uma contrariedade — que só se explica por a scena se desenrolar em Lisboa:

—Ha dias fui intimado a não prosseguir nos referidos trabalhos, «até que se legalise a situação». Fiz nova exposição á Camara — pela quinta vez, mostrando-lhe que é isso exactamente o que nós pretendemos.

E o sr. Bráz Simões faz-nos um resumo dessa exposição:

—Mostrei-lhe que, não colhendo qualquer beneficio, oferecia á cidade de Lisboa um importante melhoramento, sacrificando bastantes centenas de contos.

E como o jornalista pedisse detalhes:

—Senão, veja: só com a conclusão das ruas terei de gastar uns 400 a 500 contos. Junte a isto mais de 10.000 metros de terreno que se está vendendo a 150.000 réis. Isto além do terreno que ofereço para o alargamento da Rua do Arco do Cego e das respectivas obras.

—Não se explica essa atitude por parte das Camaras transactas. A actual vereação que parece disposta a trabalhar pelo bem da capital certamente dará providencias...

—Assim o espero. E assim m'o prometeram. Entretanto, o tempo vai passando e eu continuo a ser prejudicado, pois tenho capital e cerca de 100 homens empatados. Além disso, está-se perdendo um tempo precioso, porque depois vem o inverno e ha coisas que só se podem fazer no verão...

—Atribue a demora das providencias...

—A' engrenagem burocratica, á inercia das repartições. E assim, longe de se estimularem, se desanimam as iniciativas particulares, de quem ha a esperar grande parte no desenvolvimento de Lisboa, desde que se lhes não quebrem os braços...

—A Camara não tem feito nem deixará fazer — é o termo. Veremos se se corrige a tempo o erro das vereações transactas...

—Desde que a Camara queira, imediatamente se completarão as ruas, sem qualquer dispendio para ela. Parece-me que não é oferta para desprezar...

—Decerto. E' um assunto de interesse municipal...

—Vem sobretudo ao encontro de duas necessidades: o embelezamento da cidade e a construção de novas habitações.

—As obras já foram embargadas ha muito tempo?

—Já ha mês e meio. E nada de se legalisar a situação...

Despedimo-nos, pensando na luta titanica que é preciso qualquer pessoa desenvolver para conseguir realisar uma obra não de interesse mesquinho, mas de interesse municipal ou nacional. E ao mesmo tempo fomos concluindo que de todos os males que nos afligem, ainda é a falta de senso um dos maiores. Se não fôra isso...

O LIVRO «DUAS PATRIAS»

A Empresa Editora *Lumen* adquiriu, por contracto, a propriedade literaria do livro *Duas Patrias*, de que é autor o nosso colega de imprensa Luís Derouet, e comprou cêrca de 3000 exemplarares da 1.ª edição, com destino ao mercado brasileiro. O governo tambem, segundo consta, adquiriu na Imprensa Nacional exemplares das *Duas Patrias*, a fim de serem distribuidos pelas legações, bibliotecas, consulados, escolas, etc., o que não pode senão merecer louvores, visto que o livro em questão, a que o Chefe do Estado juntou algumas paginas de um modelar prefacio, bem digno é da consagração oficial.

OS SERVIÇOS DO CORREIO

Em Vaiamonte, concelho de Monforte, já ha dois meses que não havia serviços de correio.

Os srs. Raul Cesar de Carvalho e João Rodrigues Ribeiro, influentes politicos naquela localidade, acabam de conseguir do sr. ministro do Comercio o restabelecimento daqueles serviços.

E' um grande melhoramento que os povos daquele concelho ficam devendo áqueles senhores.

ARMAZEM PRECISA-SE, Bairro Alto ou proximidades. Resposta: Largo do Conde Barão, 49.

ARTISTAS ESTRANGEIROS

Concerto GAILLARD

DE 2.ª FEIRA no Salão Nobre do Conservatorio de Lisboa

Para o leitor que esquece com facilidade os nomes dos artistas estrangeiros que passam pela sua terra, Marius François Gaillard, pianista notavel e musicografo talentoso, necessita duma nova apresentação. Francisco Garliard já deu um concerto em Lisboa. Por sinal que a critica o apreciou em termos de não deixar duvidas acerca dos invulgares dotes artisticos do concertista. Pois na proxima segunda-feira Marius Gaillard realiza o seu segundo concerto, em Lisboa, no Salão do Conservatorio.

O jornalista vai representar ao leitor os vinte e três anos, cheios de sonhos de gloria, já em parte conseguida, de François Gaillard.

Comecemos por estas rapidas notas biograficas que ele proprio nos concedeu em purissimo francês, sem exageros de modestia nem afectações exageradas:

—Entrei para o Conservatorio de Paris aos 14 anos. Saí de lá aos 16, tendo ganho o primeiro premio de piano,

—E principiou, logo a seguir, a exibir a sua Arte?

—Não. Durante oito meses, longe do publico, longe dos amigos, encerrado voluntariamente em casa, como monge em céla, dei-me a estudar tudo quanto Debussy escreveu para piano.

—Em 1919—com 19 anos — dei o primeiro concerto na sala Gaveau. Agradei. E tanto — felizmente! — que fui contratado para dar concertos no teatro dos Campos Elysios que possui a sala mais ampla de todos os teatros de Paris.

—Depois?

—Estive um ano na Alemanha. Fui lá em viagem de estudo. Vivi em Berlim e em Francfort. Pretenderam que eu me exibisse. Acedi. Mas a revolução não permitiu que o fizesse. Regressei a França. Segui em 1922 para a Argentina. Em três meses fiz quarenta concertos. Passei depois pelo Brasil. Vi o Rio de Janeiro, vi S. Paulo. Em novembro do ano passado arribei a Lisboa e realizei o meu primeiro concerto em terra portuguesa.

—Já tocou alguma vez em Hespanha?

—Uma vez, em Madrid. Em seguida regressei a Paris. Em 25 de novembro do ano findo segui para Nova York, onde efectuei vinte audições num mez. Toquei mais tarde em Roma e dei-me depois ao luxo dum repouso em Biarritz. Escrevi nessa bela praia uma sonata para piano e violino, que vai ser interpretada em Nova York por Jack Thibaud, o mais celebre violinista francês da actualidade. Compuz tambem algumas melodias para piano, ainda ineditas. Ofereço-as como brinde ás pessoas que assistirem ao meu concerto de depois de ámanhã.

—Quais são os autores que prefere?

François Gaillard afirma com sinceridade:

—Sou um apaixonado da musica moderna. Quasi só me dedico á musica moderna. Claude Debussy encanta-me. Para mim, depois de Bach, é o primeiro. Conseguiu criar uma forma.

—Não lhe agrada Mozart?

—Sim, muito.

—E Wagner?

—Nada! Conheço a fundo toda a sua tetralogia. E não a admiro—e não o admiro. E' um compositor de doenças...

—E Beethoven?

—Acho-o inutil depois Bach e Mozart. Beethoven é um mal entendido secular...

E com esta frase de bom humor, que pode ser contestada sem que por isso perca o que encerra de espirito, encerra o jornalista a palestra despretenciosa que travou com o joven mas já ilustre pianista francês.

AVISO "5 DE OUTUBRO"

Largou para o norte afim de continuar nos trabalhos hidrograficos o «Aviso 5 de Outubro».

Companhia de Navegação

LLOYD BRASILEIRO

Linha do Sul do Brasil

Para Pernambuco, Baía, Rio de Janeiro e Santos, o paquete

BAGÉ

esperado em 29 do corrente. Recebe passageiros de 1.ª intermediaria e 3.ª classe.

Para Baía e Rio de Janeiro, o vapor

ARACAJÚ

esperado em 6 de Julho.

Para passageiros e carga tratar com os agentes

PINTO & SOTTO MAYOR

SECÇAO MARITIMA

Rua do Ouro, 24, 2.º—Tel. C. 1227

CONFORTAVEIS

GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.

MOBILIAS

GRANDE SORTIMENTO DE

CARPETES

A PREÇOS BARATISSIMOS

JOSÉ OLAIO & C.A (FILHO)

RUA DA ATALAIA 36 a 40—(Predio todo)

TEL. C. 3082

RICAS MOBILIAS

Deslumbrante Exposição

Grandes e variados modelos de luxo, pelos preços antigos sem aumento

VENDAS SEM INTERMEDIARIOS

Economia de 20 a 30 %

Tudo quanto se faz de melhor, confortavel e chic, em todos os generos de mobilias nos estilos antigos e modernos

MAPLES em pele verdadeira—Bronzes de arte, etc.

A's pessoas de bom gosto e economicas impõe-se uma visita ao salão de vendas e oficinas da bem conhecida e acreditada

ANTIGA MARCENARIA DO DESTERRO

DO FABRICANTE PROFISSIONAL

MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR

Rua do Desterro, 17 a 29

GAZOLINA "Shell" PETROLEO

QUALIDADE SUPERIOR

Oleos combustiveis

Oleos de lubrificação

PEDIDOS A'

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.º L.TD

LISBOA — PORTO

Rua do Crucifixo, 49 — 246, Rua Mousinho da Silveira, 250

Telefone C. 1031

SOUZA, MOURA & C.ª, L.DA

End. Tel. «SOURA»

CASA BANCARIA

103, RUA AUREA, 105

LISBOA

COMPRA E VENDA DE MOEDAS, NOTAS ESTRANGEIRAS, PAPEIS DE CREDITO, ORDENS DE BOLSA, CHEQUES SOBRE AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAIS E ESTRANGEIRO. DEPOSITOS A ORDEM E A PRASO. TODAS AS TRANSACÇÕES BANCARIAS

Fonsecas, Santos & Vianna

BANQUEIROS

ESTABELECIDOS EM 1861

Rua do Comercio, 116 a 132

Telegramas: *SANVISE-LISBOA*

AS ULTIMAS NOVIDADES

em tecidos «chics»

para cavalheiro só se encontram na alfaiataria

MARQUES & SANTOS, L.da

Rua do Loreto, 42, 1.º **Telefone 3699-C.**

AMOSTRAS GRATIS

Solano

DEPOSITARIOS

FIGUEIREDO & TELLES, L.DA

RUA ALVES CORREIA, 45, 1.º

TELEFONES 3156 e 3697-N.

TELEGRAMAS: FITELES-

LISBOA

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Salão Aguia

Grande novidade em

Chapéus de crina de todas as côres

para senhoras e meninas

assim como todas as qualidades em chapéus de picout, feltro e tagal

Silva, Santos, L.da

RUA DO CARMO, 90, 2.º

Fabrica de

Ladrilhos

Mosaicos

Azulejos

Cimentos

GOARMON & C.A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

Telefone n.º 1244

LISBOA

Caldas da Felgueira

(Beira Alta)

As melhores aguas na cura da bronquite, cansaços do coração, pele, flebites, arteritismo e gôta.

Abertura 1.º de Junho e informações ao gerente do

Grande Hotel Club

GEREZ

Hotel do Parque

Recomendado pela Propaganda de Portugal

ABRIU NO DIA 25 DE MAIO

Um dos melhores hoteis das termas do paiz. Aposentos luxuosamente mobilados e com água corrente. Luz electrica em todos os quartos, salas e dependencias. Modelar serviço de cozinha com e sem dieta.

Luxuosa e confortavel camionete para condução de passageiros, saindo de Braga para o Gerez ás 3 horas da tarde. Pedidos de reserva de logares a João Ferreira de Carvalho, empregado do escritorio, Hotel Anselmo, Braga.

Correspondencia á proprietaria, Viuva de Vicente Paulino da Silveira, Gerez.

Informações em Lisboa, Rua Luciano Cordeiro, 98, r/c.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Sociedade Anonima—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Serviço especial por motivo da tourada em Vila Franca de Xira, em 24 de Junho de 1923, em beneficio do hospital de Alemquer

Por motivo da corrida de touros que se efectua em Vila Franca de Xira no dia 24 do corrente, esta Companhia realizará, entre Lisboa-Rocio e aquela estação, os comboios especiais com as marchas a seguir indicadas, fazendo serviço das três classes:

Comboio n.º 5009—Partida de Lisboa-R., ás 16 h., chegada a Vila Franca, ás 17,10. Comboio n.º 5012—Partida de Vila Franca, ás 23,15; chegada a Lisboa-R., ás 0,31.

Para estes comboios são validos os bilhetes do § 2.º da tarifa especial n.º 3 de grande velocidade (tramways).

Lisboa, 21 de Junho de 1923.

O Director Geral da Companhia

Ferreira de Mesquita

MELINA

O MELHOR E MAIS EFICAZ MATA FORMIGAS

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Deposito Geral

Fernandes, Almeida & C.ª, L.da

Rua do Largo do Corpo Santo, 10, 1.º

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

REPARAÇÕES

A RESPOSTA COMUM

á nota alemã

e a imprensa inglesa

PARIS, 23.

Segundo o «Matin», nos circulos politicos prevê-se um resultado favoravel ás conversações entre Paris, Londres e Bruxelas, sobre as reparações.

A imprensa inglesa diz que o gabinete britanico deve saber, em primeiro logar, se há solidos fundamentos para uma resposta comum á nota alemã, e a imprensa francesa diz tornar-se necessario saber se a Grã-Bretanha, satisfeitas as suas naturais perguntas, está disposta a trabalhar em Berlim, com os outros aliados, para a cessação da resistencia passiva.

De New York dizem que o Presidente Harding, discursando em Saint Louis, sustentou a necessidade de instituir um tribunal internacional ao qual seja confiada a solução do problema das reparações, concedendo-se á Alemanha a possibilidade de cumprir as suas promessas.

O Presidente Harding declarou ainda sêr o tribunal internacional a unica entidade para a paz com a qual os Estados Unidos podem concordar.

A imprensa anuncia o assassinio de duas sentinelas belgas em Recklinglausen, que perguntaram pelos passaportes a dois alemães. Um dos alemães, foi já detido.—(E.)

Os sucessos do Condes

Terça-feira estreia da 3.ª jornada dos «Párias do Amor»

Os sucessos do Cinema Condes contam-se pelas estreias dos seus *fims*, variando constantemente os programas notaveis de cada noite. Ontem estreou-se ali com grande exito *A mulher e o cadaver* e na proxima terça-feira estreia-se o 3.º episodio dos *Párias do Amor*, extraordinario romance de amor e misterio. Depois de amanhã, segunda-feira, o Condes veste galas, realisando ali a sua festa anual o magnifico sexteto que todas as noites delicia os frequentadores do Condes, e que é composto, como se sabe, por eximios e distintissimos professores. N'essa noite o programa do concerto e do cinema é escolhido, reservando nos extraordinarias surprezas.

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

UM PERIGO

QUE AMEAÇA A EUROPA INTEIRA

Uma luta de vida ou de morte entre a Asia e o velho continente

Não gostamos, por principio, de alimentar pessimimismos, preferindo muitas vezes mudar de assunto, a versar certas ocorrencias internacionais, cujo significado não pode sernos agradavel; mas a verdade é que a situação politica da Europa está tomando aspectos sobremaneira graves que seria imperdoavel deixar passar em julgado, que mais não seja para efeitos de documentação. A paz, quanto mais os diplomatas a negoceiam, mais se distancía das suas desejadas possibilidades de realisação; a Europa, quanto mais se procura refazer-se do brutal estremeção da guerra, mais parece condenada a um escaqueiramento sem cura; a ameaça de peiores dias a tornar-se cada vez mais temerosa no futurar dos seus destinos.

Emquanto as potencias se entreem em questiunculas de acanhada e improductiva finalidade, a Russia, tratada inabilmente como uma força de somenos, vai preparando o terreno, sempre tenaz, sempre teimosa, sempre persistente, para o ambicionado triunfo da sua causa, a qual, uma vez vitoriosa, representa nada menos que o golpe de morte, decisivo, irremediavel, vibrado numa civilisação cuja defeza tanto encandesceu o espirito guerreiro dos inimigos da Alemanha, durante os quatro memoraveis e sangrentos anos de luta que levaram as clausulas irritantes ou impensadas do Tratado de Versailles.

Não se vê isto; não se pensa nisto; mal chegando a compreender-se como é possivel que a velha civilisação—estando mais ameaçada do que nunca—tenha deixado, assim, num repente, de constituir para os povos que se bateram, um motivo de sobresalto.

* * *

E no entanto, o que vemos nós? Vemos a Russia e a Alemanha de braço dado—a primeira guiada pelo seu odio de sempre á Polonia, a segunda inspirada pelo seu desejo de vingança contra os que a venceram—aproximarem-se cada vez mais, tudo indicando que, numa futura—e quem sabe se bem proxima—contenda, ambas conjuguem os seus esforços e a sua raiva para a cartada final que ha-de ser, a continuarem as coisas neste pé, o termo arrazador, formidavelmente catastrofico de toda a avelhentada organisação europeia. No fundo, ha uma luta de vida ou de morte, entre a Asia e a Europa. E se os senhores quizerem perscrutar bem o que a este respeito se passa nos bastidores da politica internacional, reparem como os Soviets estão aproveitando com admiravel habilidade a tendencia nacionalista dos nossos dias. A Russia, apercebendo-se de que é, realmente, uma potencia mais asiatica que europeia, e prclamando-o quando lhe convem, não perde o menor ensejo de fomentar na vastidão do continente amarelo o odio de raça que este vota á Europa. Na India e na Persia viram-se já, bem patentes, os resultados da propaganda; e por muito que isto seja tomado, pelos cegos que não querem vêr, como um exagero inaceitavel, temos cá um dedo a dizer nos que, no dia em que a Russia der o assalto ao nosso continente,—e já estivemos mais longe disso—o fará apoiandose nas suas inexgotaveis reservas asiaticas, tirando delas não só recursos materiais dificeis de superar, mas forças invenciveis em homens e em fanatismo. É que os turcos, por exemplo, por mais que, por seu turno, pretendam fazer vêr o contrario, no que pensam primacialmente é na inutilisação pura e simples do Tratado de Versailles. Se hoje mesmo surgisse uma nova conflagração, a Russia e a Turquia iriam juntas para o combate.

* * *

Mas há mais, e mais recentes sinais. As ultimas vitorias dos turcos sobre os gregos contribuiram poderosamente para despertar o Islamismo; e os efeitos desse fenomeno notam-se já, bem claramente, em varias regiões da Asia e da Africa. O governo russo não vacilou, tambem, em utilisar esse factor de indiscutivel valia, emquanto os aliados se entretinham a discutir o problema insoluvel das reparações...

E quem diz aos senhores que o golpe de Estado de há dias, na Bulgaria, cuja origem nacionalista não admite duvidas, ao mesmo tempo contribui para a intranquilidade dos Balkans, tem seus pontos de correlação com a politica de Angora? A' primeira vista, parece esquisito que nações de tendencias sociais tão distintas, como a Russia, a Turquia e a Bulgaria, possam entender-se tão intimamente; mas, se tivessemos em linha de conta que a Russia se prepara para dar batalha á Europa Ocidental—ultimo reduto do capitalismo—e é capaz de se valer de todos os meios de que possa dispor para realização dos seus fins, já não haverá dificuldades em compreender o porquê do caso só aparentemente estranho.

* * *

Se acrescentarmos a tudo isto a propaganda activa que os soviets estão fazendo na Tcheco Slovaquia, e que, segundo informações tidas como seguras, já atraíu para as suas fileiras cêrca de um milhão de trabalhadores, dispostos a auxiliá-los em caso de conflito, vêr-se-há que se vai tecendo progressivamente uma extensa conspiração cuja finalidade consiste, nem mais nem menos, em derribar as instituições politico-sociais da Europa Central e da Europa Ocidental, aproveitados, para isso, quantos—e são a maioria—desejam a anulação do desgraçado Tratado de Versailles.

Os diplomatas europeus, emquanto isto se passa, andam em conferencias, mais ou menos banqueteantes, para discutirem a valorização do marco...

DE ITALIA

A ERUPÇÃO DO ETNA

foi a maior

dos ultimos cem anos

ROMA, 23

O Etna continua expelindo lava, embora com menos intensidade, por 5 crateras numa superficie emissora de lava de cerca de 2 milhas.

O professor Vittorio Balbi, director do observatorio de Catania diz que não se pode prever o seguimento que terá esta erupção, a maior dos ultimos 100 anos, mas é muito de recear que o Etna se divida em dois em diferentes direcções—(R.).

A atitude

do presidente Mussolini

O presidente do conselho voltou a visitar os locais devastados pela erupção do Etna, regressando imediatamente a Roma. O sr. Mussolini seguirá brevemente para Messina, onde assegurará ás populações ali refugiadas a solidariedade da consciencia nacional.

Ainda que diminutas, as torrentes de lava continuam ainda a avançar, esperando-se a sua breve extinção.

Os aeroplanos inciaram já o reconhecimento das crateras, que deixaram de expelir a grande altura os produtos das explosões.

O governo intensificou as medidas de defesa e socorro ás populações foragidas.

Ao gabinete italiano têm continuado a chegar numerosos telegramas de condolencias de varios estados estrangeiros e de entidades publicas e particulares—(E.).

POLICLINICA DO ROCIO

Largo do Camões, 19 (ao Rocio)-Tel. Norte 3747

Dr. Amor de Melo . . .	Boca e dentes, 10 h.
Dr. A. Pina Junior . . .	Clinica geral e doenças das crianças — 13 h.
Dr. Camossa Saldanha	Rins e vias urinarias — 10 e 1 2 h.
Dr. Cancella d'Abreu .	Medicina geral, doenças nervosas — 15 h.
Dr. Cordeiro Lobato. .	Garganta, nariz e ouvidos — 13 h.
Dr. F. Martins Pereira	Medicina geral, coração e pulmões — 15 e 1 2 h.
Dr. Henrique Roquette	Olhos — 15 h.
Dr. Luiz Ottolini	Cirurgia, doenças das senhoras e partos — 14 e 1/2 h.
Dr. Zeferino Falcão . .	Pele e sifilis — 14 e 1 2 h.
Dr. Genti. Branco . . .	Raios X.

MAQUINAS DE ESCREVER

IDEAL

A mais completa, accessorios e reparações garantidas. Quintino Ltd.ª Tel. N. 4225. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

Entero colite crónica — Seu tratamento

ESTORIL-TERMAS

OBJECTOS ANTIGOS E MODERNOS

Compra-se, vende-se e troca-se com especialidade moveis, louças, quadros a oleo, gravuras, etc. Antes de fazer qualquer transacção escrever um postal a **Antonio Pedro da Silva, Praça Luiz de Camões, 40, esquina da Rua das Gaveas,** telefone C. n.º 1096, antigo estabelecimento de Antiguidades e Joias, ouro e pratas em segunda mão.

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO 74

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

Dão-se CEM CONTOS

a quem provar que a revista

CEU ABERTO

que se representa no

EDEN-TEATRO

ás 8 3|4 e 10 3|4 da noite

não é uma linda peça.

Policlinica do Intendente

Almirante Reis, 27, 2.º

Telefone N.º 2989-N.

Dr. Abel Alves—Ouvidos, nariz e garganta, ás 13
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras, ás 16.
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins e vias urinarias, ás 11.
Dr. Artur Pacheco—Doenças da pele, ás 14.
Dr. Benard Guedes—Raios X, ás 16.
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças, ás 14.
Dr. Fernando Fonseca—Medicina geral, sifilis, ás 15.
Dr. Formigal Luzes—Maçagens, ginastica medica, banhos de luz, mecanoterapia, electroterapia (dia termia, alta frequencia, etc.) ás 14.
Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intestinos. Recto-sigmoscopia, ás 14.
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas.
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 10.
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica, coração e pulmões, ás 13.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral e operações, ás 16.

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

6 HORAS DA TARDE ULTIMAS NOTICIAS 6 HORAS DA TARDE

O TEATRO CLASSICO

Impressões

DA REPRESENTAÇÃO NO POLITEAMA DA "DAMA DAS CAMELIAS"

(Continuação da 4.ª pagina)

terceiro, seria interessante que o dialogo, entre Margarida Gauthier e Jorge Duval, como o fez Sorel, tivesse sido realisado, mascaras em frente do publico, e não numa scena obliqua.

As lagrimas da sr.ª D. Amelia Rey Colaço foram convulsas, crispantes, encinzeirando de tristeza seus olhos limpidos. E se ela não fosse uma artista de exteriorisação, certamente que lhe teriam encharcado a garganta, molhado as palavras, despedaçado o coração, despertando outras lagrimas, numa formidavel scena.

O quarto acto, foi todo marcado com distinção, pela festejada de ontem, ajudada poderosamente pela sua linda «toilette».

Para mim, o talento da sr.ª D. Amelia Rey Colaço, revelou-se no ultimo acto. Toda a emoção que até aí pouco tinha transfiltrado do seu peito, destacou-se, desprendeu-se da figura, subio até nós, e, de facto, o publico sentiu-se dolorosamente comovido.

Com as palpebras scintilantes, a voz despedaçada e rala, pequenas minucias de gesto, a mascara hiante de dôr ao contemplar-se no espelho, a leitura da carta, dita depois já de cór — a sr.ª D. Amelia Rey Colaço ao atingir a scena capital da morte foi perfeita de serenidade, de doçura, de beleza espiritual, de unção, de arrependimento.

Raul de Carvalho cometeu uma grande e condenavel rapaziada em ter aceitado o papel de Armando Duval que é para um actor de escola e de classe.

Nos três primeiros actos, e no ultimo, falhou completamente a voz, o tipo romantico, apaixonado, vibrante, ciumento do personagem. Teve imobilidades infantis e pouco fogo nos acentos verbais. No quarto, porém, por um destes reversos incompreensiveis, saiu-se bem.

O sr. Robles Monteiro deu pouca vibratilidade ao papel de Jorge Duval, não marcando bem o contraste, entre o despreso que ele tem de principio por Margarida, e a comoção que deve sentir ao ouvir a sua confissão de amor e de sacrificio. Ribeiro Lopes cheio de distancia e de elegancia caracteristica.

As figuras secundarias, já o dissemos, não nos agradaram. As marcações no quarto acto, horrorosas de conjunto; boas para fotografia de familia. Os scenarios de belo efeito, principalmente o primeiro e o segundo, que são verdadeiras *trouvailles* de colorido.

Rigor historicos nos vestuarios. A tradução da *Dama das Camelias*, que é do meu camarada Norberto de Araujo, perfeita e lapidar.

A. P.

No grande serão de arte
no teatro de S. Carlos

E' ja na proxima segunda feira, 25 do corrente que, no teatro de S. Carlos, se realiza o grande serão de arte que fôra anunciado para 30 do mês passado.

O programa que é dos mais atraentes, promete levar á gloriosa casa de espectaculos a mais selecta assistencia, pois alem do 3. acto da «Tosca» em que se farão ouvir alguns dos nossos melhores amadores de canto, cantar-se-ha ainda o 3. da «Boheme» em que o principal papel feminino está a cargo da mais pequena cantora portuguesa, interessante filhinha da distinta professora de canto madame Penchi, que conta apenas 12 anos de idade.

Alem destes dois actos que serão acompanhados por uma orquestra de quarenta e tantos eximios professores a qual vai gentilmente reger o notavel violinista, mr. René Bohet, a eminente actriz Lucilia Simões com seu marido Erico Braga, prestar-se-hão tambem gentilmente a tomar parte nesta grande festa.

Os bilhetes com data de 30 de Maio dão entrada neste espectaculo.

Doenças da boca e dos maxilares
Extracção de dentes e raizes com anestesia — Dentes artificiais
Em consulta especial para as classes menos abastadas e a preços de policlinica ás 10 horas no
Consultorio do Dr. Ferreira Pires
R. Jardim do Regedor, 51, 1.º

EDUCAÇÃO NACIONAL

A REFORMA DO ENSINO

E AS NECESSIDADES DA SUA EXECUÇÃO INTEGRAL

O QUE DIZ O MINISTRO DA INSTRUÇÃO

O sr. ministro da Instrução que recebe o jornalista com afabilidade, começa por fazer-lhe esta pregunta:

—Crê que a ideia de reorganisar a Educação Nacional obedeceu a um simples capricho, ao mero desejo de modificar o existente?

E como o jornalista afirmasse reconhecer a necessidade duma reforma do ensino, o dr. João Camoezas, explanou:

—Em Portugal todos os ramos de ensino publico são imperfeitos. Como se isto fosse pouco entre eles não ha qualquer especie de ligação. Funcionam isoladamente e desse isolamento resulta, em grande parte, a sua improficuidade.

—A que outras causas atribue a insuficiencia do ensino português?

—Eu e os meus colaboradores na reforma, atribuimo-la principalmente á falta de locais apropriados, falta de material, falta de pessoal e á ausencia de orgãos de funcção e aperfeiçoamento do pessoal. Foi disto que principalmente cuidamos. E parece-me que o trabalho apresentado merece o agradecimento do paiz. E' pelo menos o primeiro em que se atendeu exclusivamente a servir o importantissimo problema da instrução, sem atender a interesses de classes.

—E confia em absoluto nos seus resultados?

—De certo. Claro que a reforma, logo que seja posta em vigor — e quanto mais de pressa o fôr melhor — não pode dum dia para o outro curar todos os males de que a instrução publica enferma. Mas abranda esse males e, sendo bem aplicada, no praso de um ano, terá atingido os seus altos fins. O primeiro tempo de execução é o mais dificil. Vamos tropeçar nas faltas que apontei, entre as quais avulta, neste caso a de falta de professores com a preparação indispensavel.

—Falta que pode ser remediada...

—Fazendo uma selecção dos capazes e habilitando os que hoje são incapazes nos organismos de aperfeiçoamento e renovação que pela reforma são criados.

* * *

O dinheiro é a mola real de todos os empreendimentos. Por isso preguntámos ao ilustre ministro da Instrução:

—A reforma importa um grande aumento de despesa?

—E' preciso gastar dinheiro para realisar a importantissima obra que tomámos á nossa conta. Mas a maneira de o arranjar não agrava sensivelmente os orçamentos. Será criado um fundo de educação nacional, autonomo, a cargo dum conselho administrativo a que presidirá o ministro da Instrução ou um delegado seu.

—E as fontes de receita desse organismo?

—Operações de credito necessarias ao desenvolvimento do plano educativo nacional. Além das verbas que o Congresso da Republica destina ao ensino e da propriedade dos imoveis respectivos e que ficarão constituindo o patrimonio da educação nacional o Fundo de Educação Nacional contará com diversos recursos. Entre eles cito-lhe: o arredondamento do imposto sobre o valor das transacções: producto da elevação a 40 por cento em todos os municipios da taxa de imposto especial para o fundo especial de instrução primaria, instituido em 1922; producto das multas aplicadas pelas autoridades escolares; doacções em dinheiro titulos e bens moveis ou imoveis; quota parte da receita do Instituto de Seguros Sociais Obrigatorios; criação duma estampilha de 10 centavos que durante um mês seguido em cada ano, será obrigatoria em toda a correspondencia. Como vê não será a falta de verbas que impedirá o paiz de se colocar na vanguarda das nações que possuem os mais aperfeiçoados serviços de instrução.

* * *

O sr dr. João Camoezas, a seguir, fala com entusiasmo ao jornalista do problema do ensino primario. Se a reforma fôr executada tal qual ele o deseja, dentro de meses teremos escolas primarias apropriadas e obedecendo a todas as condições exigidas pelas modernas teorias do ensino.

E em detalhe diz:

—E' indispensavel dirigir o desenvolvimento fisico, intelectual e moral da criança de harmonia com as necessidades fisio-patologicas. As escolas primarias devem ser dotadas de aula, duma sala de trabalhos manuais, dum jardim para exercicios fisicos e duma cantina que funcionará sob um regimen cooperativista. As crianças entrarão para a escola ás oito horas da manhã e sairão ás seis da tarde. Ser-lhes-hão servidas gratuitamente, duas refeições abundantes.

—Os cursos normais sofrem modificações?

—Nem podia deixar de ser. E' preciso educar professores pelos mais modernos sistemos pedagogicos. Só os bons professores tornam possiveis os bons alunos.

O sr. ministro da Insrtução notou delicadamente, que era hora de dar despacho. O jornalista despediu-se. E não quere deixar de assinalar nestas colunas que o trabalho monumental apresentado pelo dr. João Camoezas é daqueles que bastam para elevar um homem á mais alta categoria a que o seu talento pode aspirar.

O dominio maritimo de Espinho

A comissão nomeada para resolver a questão do dominio maritimo de Espinho, entregou já os seus trabalhos, e pede para serem apreciados afim do assunto ser resolvido com a maior brevidade possivel.

POLITEAMA HOJE
A Dama das Camelias

Navios de pesca

O «destroyer» *Vouga* que tinha saido para o norte afim de avisar os navios de pesca estrangeiros que estavam autorizados a descarregar e vender o peixe em Lisboa, chegou hoje a Leixões, sem que durante a viagem encontrasse qualquer vapor de pesca.

Cruzador «Carvalho Araujo»

Foi transferida a partida do cruzador «Carvalho Araujo», para viagem de exame dos guardas marinhas para quarta ou quinta-feira proxima.

CASA AMIEIRO
55, R, IVENS — TEL. C. 1970
ALFAIATES para homem e senhora.
Optimo sortido, execução irreprehensivel

O 19 DE OUTUBRO

A sentença

DEVE SER LIDA NA QUINTA-FEIRA

INICIARAM-SE OS DEBATES

A audiencia reabriu ás 13 horas. Iniciam-se hoje os debates.

Ergue-se o general sr. Carmona. Apresenta os cumprimentos da praxe. Confessa que lhe é bastante desagradavel acusar oficiais, quando se trata de oficiais mais antigos do que ele.

E a seguir:

—O sr. Camara Leme, quando foram disparados os tiros que mataram o dr. Granjo, tratou de se abrigar e não se preocupou com saber o que se estava passando, esquecendo-se que era almirante. Pouco depois chega Carlos da Maia, ouvem-se tiros e o sr. Camara Leme não vai saber o que se está passando. Outro tanto não fez um paisano que ia em sua companhia, o sr. dr. Tudela.

Referindo-se ao capitão de fragata Luiz Ramos:

—A principio não se sabia ao certo se era Luiz Ramos quem estava na noite de 19 de Outubro de serviço ao Arsenal, mas hoje está absolutamente convencido de que era ele.

Tirando conclusões:

—Estou convencido de que se tivessem sido tomadas medidas de precaução com 10 ou 20 homens, no tunel do Arsenal, de baioneta armada, a morte de Granjo não se teria dado. Bastaria a tentativa de mandar dar um ou dois tiros para o ar para que toda aquela gente fugisse. Pois nem mesmo essa tentativa se fez! Diz-se que as circunstancias eram graves, motivo porque se não tomaram precauções. A obrigação dos chefes é intervir quando se passam factos anormais. Noto no sr. capitão de fragata Ramos uma falta de tenacidade nos pedidos feitos ao Quartel do Carmo requisitando forças. Devia ser mais insistente no pedido de socorros embora se tornasse impertinente.

Continuando a acusar:

—O sr. capitão de fragata Ramos foi um chefe fraco. Deu uma ordem para que um pelotão se conservasse fechado, mas no entanto ele abria-se e fechava-se todas as vezes que alguem queria. Eu não tinha uma opinião formada sobre a vantagem ou desvantagem do portão fechado ou aberto. Mas desdee que havia uma ordem para que ele se conservasse fechado, só se devia abrir por ordem superior.

A concluir:

—A verdade é esta: Se mais ninguem morreu no largo do Pelourinho, foi porque mais gente para lá não foi levada.

Sobre os srs. Almeida e Gonçalves, entendo que deve ser mudada a classificação do libelo. O tenente sr. Almeida cometeu pelo menos faltas disciplinares. E caso curioso, este oficial de manhã procedeu para a manutenção da ordem, como um militar, e á noite fraquejou. Aqui está a falta disciplinar.

Não sabia os nomes dos homens que comandava; não tomou nota dos seus numeros e não lhes deu instruções. mas a verdade é que tambem as não recebeu. O dever do comandante duma força é, no entanto, não a deixar á vontade.

Relativamente ao capitão de fragata sr. Santos Madeira, entendo que o libelo deve ser modificado, pois este oficial apresenta as coisas com uma coerencia que eu presumo que não pudesse fazer nada em consequencia de ter sido derrubado. A culpa que lhe encontro é de não ter investigado sobre os autores da morte de Granjo.

Passando aos outros reus:—Com relação ao tenente sr. José Luís, provou-se que ele mandou por duas vezes avisar o tenente Procopio de Freitas dos factos que se passaram no arsenal.

A terminar:

Com respeito aos sargentos Gigantes Lino pouco ou nada tenho a dizer. O primeiro encontrava-se no Arsenal quando da morte de Granjo e não consta que tivesse tomado qualquer medida para o evitar.

O segundo comandave uma ronda, cujas praças lhe fugiram quando da passagem da «camionette» com Freitas da Silva. Enfim v. ex.as apreciarão.

A audiencia foi interrompida nesta altura por uma hora.

O DIARIO DE LISBOA vende-se em todos os quiosques e tabacarias.